

# ALMADA



**Novos Almadenses** Rostos e histórias de quem escolheu Almada

**Kit de Emergência** Saiba como fazer

**Miguel Szymanski** “Temos uma qualidade de vida muito melhor aqui do que em Lisboa”



# Um certo olhar sobre a arquitetura de Almada

Portfólio \_\_\_\_\_ 34

RAQUEL FRANÇA



## Infografia

Saiba como fazer o seu Kit de Emergência \_\_\_\_\_ 4

## Em Arquivo

Um concelho em construção \_\_\_\_\_ 6

Acontece \_\_\_\_\_ 8

## Entrevista

Bia Caboz, uma nova voz, para um novo Fado \_\_\_\_\_ 20

## Novos Almadenses

Rostos e histórias de quem escolheu Almada \_\_\_\_\_ 22

## Reportagem

Casa do Cais, um novo destino cultural na Trafaria \_\_\_\_\_ 30

## Almada em Mim

Conheça o jornalista e escritor Miguel Szymanski \_\_\_\_\_ 42

## Radar

Padaria Tempo, pão feito com vagar \_\_\_\_\_ 46

## Entrevista

Bruno Fonseca e as fotografias dos pioneiros do Surf na Costa da Caparica \_\_\_\_\_ 48

# ALMADA

## FICHA TÉCNICA

**Edição:** Câmara Municipal de Almada | Departamento de Comunicação

**Diretora:**

Inês de Medeiros

**Diretora-Adjunta:**

Raquel Antunes

**Coordenação:**

Sara Dias

**Consultor Editorial:**

Paulo Tavares

**Editor de Fotografia:**

Luís Filipe Catarino

**Redação:** Ana Paula Cruz, Joana Mendes, Joana Teixeira, Margarida Leal, Sandra Costa, Sandra Gomes e Tiago Queirós

**Fotografia:** Anabela Luís, Carlos Valadas, Florbela Salgueiro, Raquel França e Victor Mendes

**Design:** Pedro Fernandes

**Paginação:** André Maldonado, Carlos Lima, Catarina Lopes, Elisabete Correia, Inês Caraca, Rita Sarmento e Susana Tormenta

**Impressão:** Lidergraf - Artes Gráficas, SA

**Tiragem:** 115 000 exemplares

**Periodicidade:** Bimestral

**Distribuição:** Premium Green Mail

**Depósito Legal:** 520442/23

**ISSN:** 2184-9137

Publicação isenta de registo na ERC ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de junho, art.º 12.º, n.º 1b).

Textos escritos ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

**Ilustração da capa:** Rita Sarmento

## Contactos úteis:

**Geral**

Tel.: 212724 000

**Gabinete de Atendimento Municipal**

Linha Verde Almada Informa

- 800 206 770

**E-mail:**

almadainforma@cm-almada.pt

**Distribuição Almada Revista:**

Premium Green Mail, Lda

**Site:**

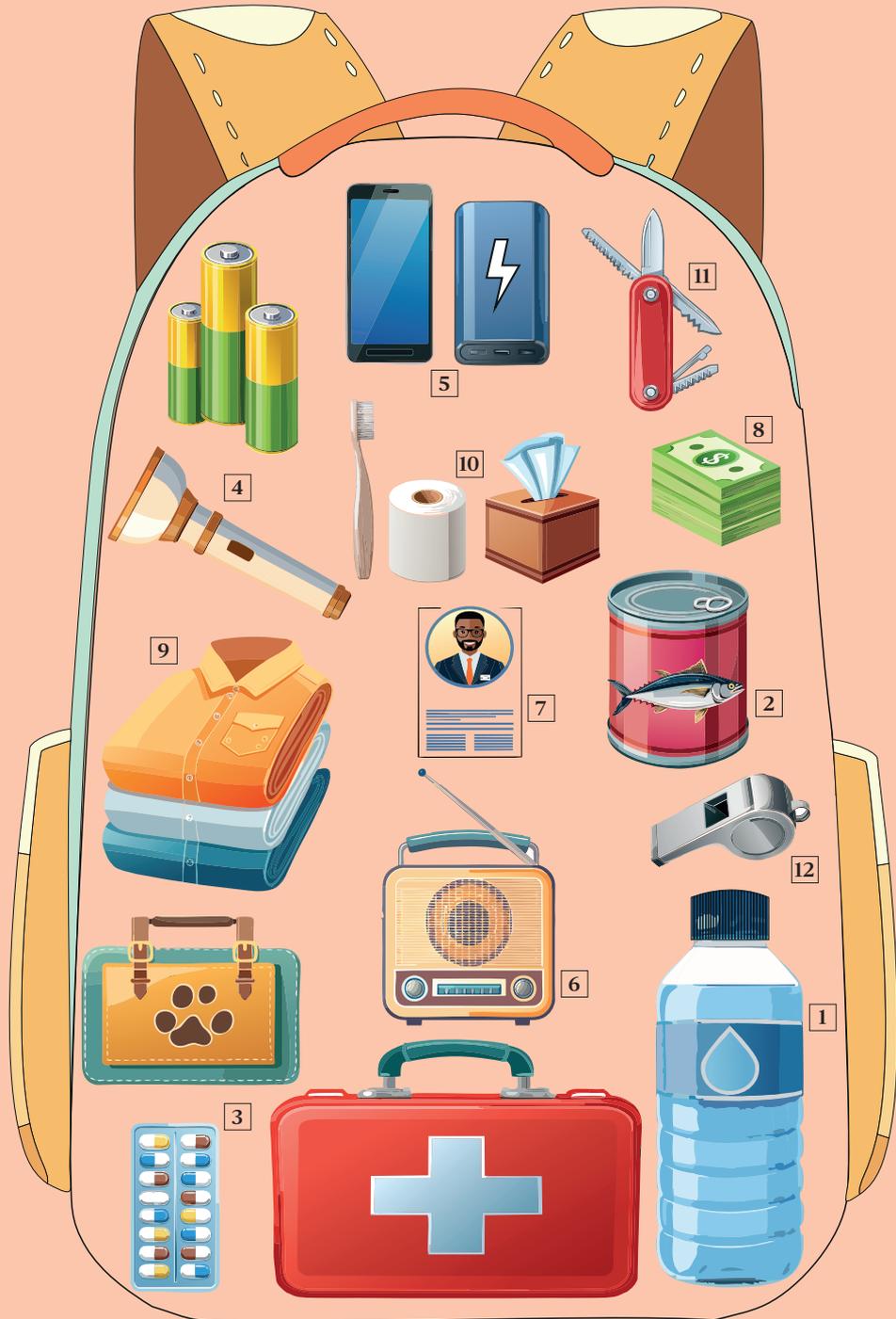
cm-almada.pt

f i y t d

**CMA** CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

Ecolabel

PROTEÇÃO CIVIL



# Já tem o seu kit de emergência?

TEXTO **Paulo Tavares** ILUSTRAÇÃO **André Maldonado**

Todos devemos estar preparados para lidar com uma situação de acidente grave ou catástrofe natural, como sismos, tsunamis, inundações, incêndios florestais, ou mesmo atos de terrorismo ou ciberataques em larga escala.

O apagão internacional generalizado, que deixou todo o território de Portugal Continental sem energia elétrica durante boa parte do passado dia 28 de abril, é um exemplo do impacto que um evento deste género tem nas nossas vidas, e da absoluta necessidade de estarmos preparados.

O kit tem como objetivo assegurar ou aumentar as probabilidades de sobrevivência nas primeiras 72 horas, num cenário de falha de fornecimento de energia elétrica, água e gás canalizados, e comunicações.

O Serviço Municipal de Proteção Civil de Almada aconselha todas as pessoas a prepararem um kit de sobrevivência - um por cada elemento da família - que deve conter os seguintes itens:

- 1** **ÁGUA POTÁVEL**  
Pelo menos 3 litros por dia, por pessoa.
- 2** **ALIMENTOS NÃO PERECÍVEIS**  
Conservas, barras energéticas, bolachas, frutos secos, arroz, massa, etc.
- 3** **MEDICAMENTOS ESSENCIAIS E MATERIAL DE PRIMEIROS SOCORROS**  
Para pessoas e animais.
- 4** **LANTERNAS E PILHAS SOBRESSALENTE**
- 5** **POWERBANK E CARREGADORES**
- 6** **RÁDIO PORTÁTIL**  
Preferencialmente a pilhas ou de manivela.
- 7** **CÓPIAS DE DOCUMENTOS PESSOAIS**  
Como o Cartão de Cidadão e contactos de emergência.
- 8** **DINHEIRO EM ESPÉCIE**
- 9** **ROUPAS QUENTES E MUDA DE ROUPA**
- 10** **PRODUTOS DE HIGIENE PESSOAL**
- 11** **CANIVETE SUÍÇO, ISQUEIRO, FÓSFOROS, VELAS**
- 12** **APITO**

# Um concelho em expansão

TEXTO **Joana Teixeira**

FOTOGRAFIAS **Arquivo Histórico Municipal de Almada**

**AO LONGO DAS ÚLTIMAS DÉCADAS**, Almada transformou-se para acompanhar o crescimento da população. Responder às exigências de uma cidade em expansão trouxe novos desafios e oportunidades à arquitetura, com a necessidade de adaptar as características das construções, para dar resposta uma densidade urbana

em crescimento. Entre bairros de habitação, escolas e unidades de saúde, ou centros comerciais, foram erguidos equipamentos que refletem as necessidades de cada tempo.

Nesta edição, partilhamos imagens de alguns dos edifícios que fazem parte da história de Almada.





4



5



6

1 – Construção de edifício de habitação na Cova da Piedade, [anos 1950]. Arquivo Histórico Municipal de Almada. Autor: Fotalmada.

2 – Obra de construção dos edifícios da Escola Comercial e Industrial Emídio Navarro, [1956-1958]. Arquivo Histórico Municipal de Almada.

3 – Obras de construção do Liceu Nacional de Almada, Pragal, 1969-08-02 a 1974-02-27. Arquivo Histórico Municipal de Almada.

4 – Obra de construção de bairro social de habitação no Chegadinho, Feijó, [anos 1970]. Arquivo Histórico Municipal de Almada. Autor: Fotalmada.

5 – Obras de construção do Centro Comercial Almada Fórum, Vale de Mourelos, 2001-06-26. Arquivo Histórico Municipal de Almada.

6 – Vista aérea das obras de construção do Hospital Garcia de Orta, Pragal, [1988 – 1991]. Arquivo Histórico Municipal de Almada.

# Acontece



ANABELA LUIS

CULTURA

## “Filhos do Meio” celebram cultura Hip Hop

O jardim do Museu de Almada – Casa da Cidade foi o cenário escolhido para o espetáculo de encerramento da exposição “Filhos do Meio – Hip Hop à Margem”, no dia 29 de março. A festa contou com muito hip hop, breakdance e a participação de Prétu, projeto do rapper Xullaji, M.A.C. –

Missão A Cumprir, a dupla histórica de TNT e Kulpado, com os convidados In3gah (duo de Sanryse e Bambino), Tilt (dos ORTEUM) e Bdjoy, DJ Glue (dos Da Weasel), DarkSunn e Breakboy Mucha & Friends.

Este momento marcou o culminar de um longo ciclo de ati-



vidades – conversas, oficinas, breakdance, graffiti, o lançamento de um documentário realizado por Luís Almeida e produzido por Alexandra Oliveira Matos e de um livro da autoria de Ricardo Farinha em colaboração com Rui Miguel Abreu, Francisco Freitas e Daniel Freitas – que, ao longo dos últimos meses, partilharam as raízes, a importância e o im-

pacto da cultura urbana em Almada e no nosso país, através de fotografias, vídeos, imagens de arquivo e objetos de bastidores. Integrada nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril de 1974, a exposição assinalou também os 30 anos da coletânea “Rapública”, a primeira compilação de Rap português. | Sandra Gomes

## CULTURA

# A Doninha continua a ensaiar em casa

RAQUEL FRANÇA



A banda Da Weasel, formada em 1993 em Almada, continua a jornada de cumplicidade com a cidade. Ao longo do ano, o grupo vai ensaiar semanalmente no Centro Cultural e Juvenil de Santo Amaro. A cedência da Sala Estúdio garante um ambiente adequado ao desenvolvimento do trabalho artístico, promovendo ao mesmo tempo a interação com a comunidade jovem, contribuindo para o desenvolvimento cultural do concelho. Carlão, vocalista do grupo, afirma que a banda está “muito contente por renovar mais um ano. É um local que nos é muito querido”.

Durante os mais de 30 anos de carreira, a Doninha tem ensaiado e atuado em diversas iniciativas culturais da cidade. É uma referência tanto para os jovens Almadenses, como para os adultos, que cresceram a ouvir temas como “Retratamento” e “Força”.

Depois da pausa de cerca de uma década, regressou aos palcos no verão passado, e prepara novos concertos para 2025, incluindo uma atuação como “cabeça de cartaz” no festival “O Sol da Caparica”. | **Joana Teixeira**

## DESPORTO

# Ringue das Barrocas renasce com cor, arte e espírito comunitário

LUÍS FILIPE CATARINO



O emblemático Ringue das Barrocas tem agora novas cores, arte urbana e uma identidade renovada. Mais do que um polidesportivo requalificado, é também uma obra de arte a céu aberto, assinada pelos artistas almadenses Vasco Maio e Manel Alma, com curadoria da Hoopers. Uma nova página na história de um lugar cheio de memórias, onde talentos como Luís Figo deram os primeiros toques na bola. Intitulada “Pés na terra, olhos no céu”, a intervenção artística celebra o território e os seus afetos. Dizem os autores: “Na comunidade das Barrocas, onde os laços são estreitos

e se promove a relação entre pares, os amigos de infância continuam a brincar e os novos perpetuam-se, como constelações. É aqui, de pés assentes na terra, tratando o próximo pelo nome próprio, que, através desta moldura de betão, se observa o firmamento e se constata que nem o céu é o limite.”

A renovação do ringue foi possível graças à colaboração entre a Pró-Associação do Ringue das Barrocas, a União de Freguesias de Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas e a CMA. | **Ana Paula Cruz**

COMEMORAÇÕES

# GNR e Van Zee celebram 25 de Abril na Praça da Liberdade

ANABELA LUIS



Na noite de 24 de abril, os GNR juntaram-se às comemorações dos 51 anos da Revolução dos Cravos, na Praça da Liberdade. À meia-noite, cantou-se a uma só voz a “Grândola, Vila Morena”, emblemático hino à Liberdade.

As sonoridades do hip-hop, do R&B, da Soul e da música eletrónica de Van Zee, artista da nova geração da música portuguesa, encerraram a noite de celebração. | **Sandra Gomes**



## COMEMORAÇÕES

# 25 de Abril em Almada: Liberdade interpretada pelos alunos



A Exposição Comemorativa do 25 de Abril “Liberdade | Em 2025, o que significa?” esteve patente na Oficina de Cultura de 3 a 26 de abril.

A inauguração, no Auditório Fernando Lopes Graça, contou com a participação de vários alunos em diferentes estilos de atuação, como dança, canto e música.

Esta foi uma iniciativa da Câmara Municipal de Almada, em articulação com os estabelecimentos de ensino da rede pública e privada do concelho, dirigida a todos os níveis de ensino, dando relevância à perspetiva dos alunos através de um diálogo expressivo nas diferentes áreas artísticas como desenho, fotografia, instalações, multimédia, música, pintura e *performances*, entre outras. | **Tiago Queirós**

ANABELA LUIS



**SERVIÇOS**

**Novo Espaço de Apoio Energético em Almada**

O Espaço Almada Energia, disponível desde 25 de março no Edifício dos Serviços Técnicos da CMA (Av. Nuno Álvares Pereira, 67), é um ponto de apoio de proximidade sobre questões energéticas. Oferece aconselhamento personalizado sobre faturas de eletricidade e gás, soluções de eficiência energética, incentivos financeiros para habitação, direitos dos consumidores, autoconsumo e comunidades de energia. O atendimento é gratuito, de segunda a sexta, das 9h às 12h30 e das 14h às 17h30, sem necessidade de marcação.

| **Tiago Queirós**



RAQUEL FRANÇA

**BIBLIOTECAS**

**Novo Ponto de Biblioteca no Laranjeiro**

Já é possível requisitar e entregar livros ou jogos, da Rede Municipal de Bibliotecas de Almada (RMBA), no Ponto de Biblioteca instalado no Centro Cultural Juvenil de Santo Amaro, de terça a sábado, entre as 10h e as 23h30, exceto no primeiro sábado de cada mês. Com uma coleção diversificada e atual – cerca de 700 livros e jogos de tabuleiro –, pensada para despertar o interesse pela leitura nas novas gerações, o novo Ponto de Biblioteca, a funcionar desde fevereiro, vem complementar a oferta desta Casa Municipal da Juventude. Para além dos recursos disponíveis, os utilizadores vão poder requisitar livros existentes em qualquer um dos equipamentos da RMBA. O objetivo é fomentar a circulação dos livros e tornar mais fácil o acesso à leitura.

| **Sandra Gomes**



ANABELA LUÍS

**DESPORTO**

**Laura Grilo e Nelson Cruz vencem Meia Maratona de Almada**

Com partida e chegada na Alameda do Parque da Paz, a Meia Maratona de Almada voltou a contar com centenas de pessoas, a correr ou caminhar, nas provas de 5, 10 ou 21 km. Os atletas Laura Grilo e Nelson Cruz foram os grandes vencedores da prova que, este ano, contou com cerca de 1600 inscritos. “Adoro correr em Almada, conheço muita gente, tenho muito apoio. É sempre um gosto correr aqui”, contou o vencedor Nelson Cruz, no final da prova. Já Laura Grilo afirmou que a prova “correu bem, mas o tempo estava um bocadinho pior, com mais frio” do que no ano passado, algo que não impediu a atleta de cruzar a meta no primeiro lugar feminino na prova dos 21 km, afirmando, depois de cortar a meta, que “é muito bom vencer em casa”.

| **Joana Mendes**



CARLOS VALADAS

CULTURA

# Sol da Caparica revela cartaz para 2025

O cartaz final da 10.<sup>a</sup> edição d'O Sol da Caparica foi revelado no segundo dia de abril, na Praia de São João. O festival, que vai ter lugar no Parque Urbano da Costa da Caparica, regressa entre os dias 14 e 17 de agosto e conta com um alinhamento que mantém o compromisso com a diversidade da música lusófona. Julinho KSD, Richie Campbell, Bispo, Soraia Ramos, Rich & Mendes, juntam-se a Da Weasel, Plutónio, Dillaz, David Carreira, Nininho Vaz Maia e Matias Damásio, entre muitos outros. Dezenas de artistas completam um cartaz pensado para todos os públicos.

A comemorar as 10 edições, o evento assinala um marco, tanto para a organização como para a cidade que o acolhe. “É um festival de partilha, de encontro com amigos. É essa partilha que faz d'O Sol da Caparica o sucesso que é hoje e que queremos multiplicar a cada ano”, afirmou André Sardet, diretor artístico do evento, que apresentou o cartaz e as novidades de 2025.

Este ano, os festivaleiros podem contar com dois dos palcos habituais para assistir aos concertos e uma inovação – o palco Digital. Direcionado para as novas gerações e pensado para quem acompanha as tendências nas redes sociais, este espaço vai receber ao vivo os podcasts Plágio e Cubinho, e ainda o podcast dos curadores, Os Primos.

Durante a conferência de imprensa, André Sardet sublinhou que a 10.<sup>a</sup> edição continua a guiar-se pelos pilares que a organização considera fundamentais, promovendo a cultura, práticas sustentáveis para o ambiente, a inclusão e a economia circular.

Os bilhetes podem ser adquiridos na plataforma Meo Blue-ticket e nos pontos de venda físicos habituais.

Os residentes do concelho de Almada podem usufruir de preços especiais ao adquirirem as suas entradas na Music Mov, na Charneca da Caparica. | Joana Teixeira



JUVENTUDE

# Março à Solta – um mês para celebrar a Juventude

Música, dança, debates, exposições, mercados, oficinas e desportos, como o surf e o skate, marcaram mais uma edição do programa municipal Março à Solta. Destaque para a iniciativa multidisciplinar Matéria Prima, que proporcionou um encontro de cultura urbana ligada ao Hip Hop, no Centro Cultural e Juvenil de Santo Amaro; para o espetáculo “Isto não é bem nada”, do humorista Diogo Batáguas, no Auditório Fernando Lopes-Graça; e para o Almada Skate Fest, que voltou a juntar jovens praticantes da modalidade no Parque da Juventude. A fechar a programação, houve tempo para visitar a Feira Autónoma, um projeto que deu a conhecer o trabalho de artistas, coletivos e editoras independentes, e para assistir à terceira edição do Almada Wrestlefest, que trouxe o espetáculo do wrestling ao Centro Cultural e Juvenil de Santo Amaro. | **Joana Mendes**

ANABELA LUIS



LUIS FILIPE CATARINO



CARLOS VALADAS



VICTOR MENDES



## CULTURA

# Reveladas as novidades da quinta edição do Festival de Música dos Capuchos

A apresentação do programa do Festival de Música dos Capuchos de 2025 decorreu no Auditório do Convento dos Capuchos, seguida do concerto de lançamento. Num momento intimista protagonizado pelo diretor artístico e pianista Filipe Pinto-Ribeiro, e pelo quarteto de cordas do Juventus Ensemble, foram interpretadas obras de Robert Schumann e Antonín Dvořák.

A quinta edição consecutiva, desde que regressou, que acontece entre 30 de maio e 27 de junho, apresenta-se sob o tema “Entre Mundos” e faz chegar a Almada uma centena de músicos, de dezenas de nacionalidades, num dos mais relevantes eventos culturais do país, reunindo intérpretes de referência, nacionais e internacionais.

Há concertos em várias salas do concelho, com destaque para o Convento dos Capuchos, mas também noutros espaços emblemáticos, como o Teatro Municipal Joaquim Benite e o Auditório Fernando Lopes-Graça. Pela primeira vez, o Parque da Paz junta-se ao roteiro, acolhendo um concerto sinfónico ao ar livre.

A programação propõe uma viagem que abrange cinco séculos de música, desde a idade Renascentista, até às expressões contemporâneas. Destaque para as estreias da Orquestra Sueca “Musica Vitae” e do Ensemble Barroco “Tra Noi”, bem como a presença de formações de renome como a Orquestra Metropolitana de Lisboa, o Concerto Atlântico, o DSCH - Schostakovich Ensemble, os 100 Caminhos e o João Barradas Trio.

As habituais atividades paralelas – conversas pré-concerto, visitas guiadas, masterclasses e caminhadas -, estão igualmente programadas. Uma das novidades é a iniciativa “Ópera para Crianças”, com sessões da ópera Bastien et Bastienne, de Mozart, especialmente pensadas para os mais novos.

Mantendo o compromisso com a democratização do acesso à cultura, a programação incluiu, pela primeira vez, dois concertos com entrada livre e preços acessíveis para os restantes.

**| Joana Teixeira**

LUÍS FILIPE CATARINO



## FESTIVAIS

# Sumol Summer Fest celebra 15 edições na Costa da Caparica

CARLOS VALADAS



O Sumol Summer Fest está de volta ao Parque de Campismo do Inatel, na Praia de São João, na Costa da Caparica, nos dias 4 e 5 de julho, para comemorar 15 edições de música e cultura urbana. O cartaz ficou fechado a 9 de abril, no Museu de Almada – Casa da Cidade, com o anúncio de TiaCorine, estrela do rap americano, e de um concerto especial dedicado ao Rap Crioulo, que vai juntar artistas de várias gerações como Landim, TWA, Nigga Poison, Loreta, Nex Supremo, Juana Na Rap,

Mynda Guevara, Ghoya, Neh Jah, XRootz e ainda os DJs Kronik e Fumaxa. Este ano, o festival aposta ainda num novo palco com talento nacional emergente, com atuações de JÛRA, Yuri NR5, ATJ, SleepyThe Prince, Chyna e Tixa. Além da música, não vão faltar a arte urbana, o skate e a dança, presenças obrigatórias na experiência Sumol. Mais informações e bilhetes em [sumolsummerfest.com](http://sumolsummerfest.com).

| Ana Paula Cruz

ENTREVISTA

BIA CABOZ

# UMA FADISTA QUE NAVEGA ENTRE ESTILOS E GERAÇÕES

Jovem promessa da música nacional, Bia Caboz quer conquistar o público com uma nova abordagem ao Fado. Os êxitos “Sentir Saudade” e “Fala-me a Verdade”, com a participação do rapper Piruka, foram um enorme sucesso, ainda antes de lançar o álbum de estreia, “Espiral”. Este verão tem passagem garantida pelo Festival O Sol da Caparica.

TEXTO **Tiago Queirós** FOTOGRAFIA **Raquel França**



**Revista Almada (RA) - Para quem não a conhece, como é que se apresenta?**

**Bia Caboz (BC)** - O meu nome é Bia Caboz, tenho 28 anos, nasci na Madeira e vim morar para Almada aos 6 anos. Sou fadista, compositora, produtora e brevemente irei lançar o meu primeiro álbum, com todas as músicas escritas e produzidas por mim, depois de anos a preparar este projeto, é como quero ser reconhecida. Não quero lançar um álbum apenas de fado. Não quero que as pessoas esperem apenas um estilo musical. Para mim, é super importante estar sempre a criar coisas musicalmente novas, fusões com as minhas influências, com aquilo que ouço diariamente.

**RA - Fale-nos um pouco sobre a sua história em Almada. Veio para cá com seis anos...**

**BC** - Sim, mas volto a viver na Madeira aos 18. Foi lá que comecei a fazer os primeiros concertos e que, na realidade, me tornei artista. Tive oportunidade de cantar em palcos muito grandes, que não teria aqui, porque o circuito é diferente. Vivi em Almada uma fase muito importante. A minha mãe tinha um cabeleireiro, trabalhava muito e eu vivia de uma forma muito livre. Era um tempo em que não havia telemóveis. Passava a vida no Skate Park e fazia vela todos os fins de semana. Estava muito ligada ao mar e essa liberdade era super importante.

Foi no antigo Clube Náutico de Almada que comecei o meu percurso como velejadora, que fez grande parte da minha vida. Era lá que andava com o barco que eu mais velejei na vida, um Optimist. A sensação de estar ali, debaixo da Ponte 25 de Abril, e de rapidamente estarmos fora, no mar... adorava aquele lugar. Outro lugar chave era o Skate Park. Tinha um grupo de amigos e andávamos sempre juntos, para cima e para baixo. Acho que tive a oportunidade de viver num lugar seguro, que me permitiu isso.

Estive dois anos no Brasil e percebi que nem todos têm esta possibilidade, de brincar, descobrir e fazer esta vontade de romper com preconceitos e expectativas em relação ao Fado, exatamente por me sentir livre desde muito nova. Foi Almada que me proporcionou isso.

**RA - Escreve as músicas com grande versatilidade, do hip-hop à eletrónica. De onde nasce esta abordagem?**

**BC** - Acho que da necessidade de "caminhar para o mar abrir", de que falo em "Quero é Rir". Venho do Fado e a mentalidade é de que os poetas irão

escrever para ti, os músicos irão compor e tu serás a voz que transporta a história de outros. Cheguei a achar que esse seria o meu caminho, mas senti necessidade de escrever e compor as minhas músicas. A linguagem do Fado é antiquada e eu amo-a, mas o público a que quero chegar não se identifica. Percebi que só eu conseguia escrever algo com que me identificasse, sendo muito detalhista, escolhendo cada palavra a dedo. Um caminho que sigo também na produção. Dá-me mais prazer estar dentro de tudo. Torna o produto final especial, cheio de história e simbologia.

**RA - Conta com milhões de visualizações e audições dos seus singles, no Youtube e no Spotify. Ainda não lançou o álbum de estreia - "Espiral" - e já alcança estes números. Esperava isto?**

**BC** - Quando comecei a produzir sabia que teria de lançá-las assim, uma de cada vez. Acho que se tivesse lançado o álbum inteiro, os temas não teriam a devida atenção. Poderia dizer que me sinto sortuda, e acho que é sempre preciso um bocadinho de sorte, mas não. É uma honra as pessoas terem recebido a minha música da forma como receberam, mas trabalhei muito por isto. Pensei bem na estratégia. O milagre não acontece se não pensarmos na estratégia. Não vou dizer que sou o novo fado, mas o meu objetivo é que quando ouvirem o meu álbum, não precisem de perceber se aquilo é fado ou não. É assim que as coisas acontecem, o público começa por ouvir uma linguagem nova, com uma certa sonoridade de que gosta, e vão migrando de forma natural. Não vale a pena forçar o tradicional.

**"A linguagem do Fado é antiquada e eu amo-a, mas o público a que quero chegar não se identifica"**

**RA - Vai subir ao palco principal d'O Sol da Caparica e partilhar o palco com nomes consagrados. O que está a sentir?**

**BC** - Muita honra, muito orgulho. Posso garantir que será um concerto surpreendente. Quem não me conhece e nunca me ouviu - aquele será o palco ideal para me conhecer. Vai ser um concerto muito especial, pensado de forma única. Pelo ambiente, pelo tamanho do palco... e muito dançável também!

# NOVOS ALMADENSES

São jovens, alguns com ligações a Almada e outros chegados de longe, mas todos trazem criatividade e ambição. Fixaram-se por aqui para empreender, fazer negócio, criar família e comunidade. Falam de qualidade de vida, de equilíbrio entre trabalho e lazer, de um território com o ritmo certo para inovar e criar. Nas próximas páginas contamos-lhe as histórias de alguns destes novos Almadenses.

## REGRESSAR AO LUGAR ONDE SOMOS FELIZES

TEXTO **Joana Teixeira** FOTOGRAFIA **Raquel França**

**CARLOTA PEREIRA** e **HUGO SUÍSSAS** são um casal com muito em comum. Ambos com 35 anos, a trabalhar na área da comunicação e publicidade, assumem-se ambiciosos e com uma paixão por viajar. Encontraram “lá fora” o que o mercado português não proporcionava. “A proposta foi boa, então decidimos ir para clientes grandes, viajar e conhecer o mundo. Temos os dois uma alma inquieta e partimos à aventura” conta Hugo. Viveram 8 anos fora, primeiro na Alemanha e depois em Singapura, atraídos pelas oportunidades e pela vontade de oferecer ao filho mais velho vivências únicas.

O casal regressou recentemente a Portugal e trouxe na bagagem experiências de outras culturas e estilos de vida. Agora com mais um filho, numa fase diferente da vida, o casal busca abrandar, regressar às raízes, ter mais qualidade de vida e o aconchego da família.

Escolher Almada para viver foi natural. Carlota, almadense desde sempre, tem uma forte ligação à cidade.

Hugo, natural de Oeiras, guarda memórias da infância passada na Marisol com os avós e mantém a paixão pelas praias e pela tranquilidade. “Para mim este lugar é mágico”, diz, enquanto olha para o areal e o mar, na Costa da Caparica. Lembram a casa que compraram há oito anos na Cova da Piedade – e que estão a remodelar – e o desejo de proporcionar aos filhos a mesma infância de bairro que Carlota teve. “Gostava que andassem na mesma escola onde andei”, conta.

As mudanças na cidade não passaram despercebidas, principalmente o interesse que a cidade desperta nos turistas, mas também na maior oferta cultural. “Almada cresceu muito nesse sentido. Teatro, cinema, festivais de música, exposições, acho que está muito mais jovem”. Tentam fazer as rotinas a pé ou usar transportes públicos, mantendo os hábitos da vida de emigrantes.

Quando questionados sobre o futuro, não descartam a hipótese de voltar a passar uma temporada fora do país, mas, apesar do espírito aventureiro, sentem que Almada é o porto seguro para onde vão sempre querer voltar. “Podemos estar em qualquer lugar no mundo, mas saber que temos sempre isto aqui, dá um quentinho no coração”.





## SUBIR A PUNHO

TEXTO **Tiago Queirós**  
FOTOGRAFIA **Carlos Valadas**

Conhecido pela garra dentro do ringue e pela humildade fora dele, **DAVID PINA**, 28 anos, pugilista de origem cabo-verdiana, é cada vez mais uma figura de destaque no panorama desportivo internacional.

A medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Paris 2024 foi um marco histórico para Cabo-Verde mas, como “novo almadense”, David Pina representa não só o orgulho das suas raízes, mas também o dinamismo multicultural que define o concelho de Almada.

A ligação a Almada tem décadas, desde que a mãe decidiu partir em busca de novas oportunidades e escolheu o concelho. Talvez por isso o atleta rapidamente se integrou e já se sintia em casa, ao fim de 4 anos a residir aqui. “Almada acolheu-me desde o início e é um concelho ideal para um atleta viver. Não há muito barulho, há uma calma enorme e sinto-me acolhido pela comunidade”, afirma David Pina.

Ao abraçar a cidade como sua, David vê em Almada não apenas um espaço para viver, mas também um território para se desenvolver desportivamente, tendo sido essa a principal motivação quando decidiu sair do seu país. “Há espaços ideais para treinar. Gosto muito de correr na orla da Costa da Caparica e há um espírito desportivo enorme. Em qualquer sítio encontra uma barra para fazer elevações ou afundos.”

Já habituado a tirar fotos com os fãs e a ser reconhecido, não esquece as dificuldades financeiras que ensombraram a profissionalização. Diz com orgulho que não tem medo do trabalho e que este molda o carácter. Foi por pouco que não deixou de competir, tendo mesmo trabalhado na construção civil. Foi na família e no apoio do treinador que encontrou forças, não baixou os braços e continuou. «Ser um dos 3 melhores atletas do mundo não se faz da noite para o dia», diz com um sorriso nos lábios, transmitindo otimismo e orgulho no percurso

que percorreu para chegar a este resultado.

David conta com quase uma centena de combates no seu histórico desportivo, duas presenças em Jogos Olímpicos, sendo vencedor da primeira medalha olímpica da história de Cabo-Verde. Além do sucesso desportivo, David Pina é também um símbolo de integração e de como a diversidade cultural pode ser uma força. Como “novo almadense”, transporta com ele o orgulho de duas nações – Cabo Verde e Portugal – e prova que, com dedicação, é possível ultrapassar qualquer adversidade.

David Pina promete fazer de tudo para voltar a trazer para Almada mais uma medalha, nos próximos Jogos Olímpicos, em Los Angeles 2028.



## VIVER NUM VERDADEIRO BAIRRO PORTUGUÊS

TEXTO **Joana Mendes** FOTOGRAFIA **Raquel França**

**FANNY VASSILATOS** é natural de Montreal, no Canadá. Filha de pai grego e mãe canadiana, sempre quis morar na Europa. “Graças ao meu pai, tenho cidadania grega e, por isso, mudar-me para um país europeu foi mais simples para mim. Na altura, estava a ponderar países diferentes e Portugal tornou-se a escolha.” Fanny conta que “estava num momento da vida em que queria comprar casa”. Em Lisboa as casas eram muito caras e resolveu alargar a procura à margem sul do Tejo. Acabou por encontrar o espaço ideal na Cova da Piedade, uma casa onde podia receber a família e os amigos que a visitassem.

O sistema de transportes públicos foi um fator importante quando escolheu Almada para viver. Além da bicicleta, Fanny usa o metro, o autocarro e o barco nas deslocações que faz pelo concelho. A viver em Almada há quase dois anos, encontrou por aqui locais e atividades que já fazem parte da rotina. “Vou à piscina do Complexo Municipal, onde faço natação livre, conheci um grupo que faz ioga no Parque da Paz e faço voluntariado na associação Onde Há Gato Não Há Rato”.

Com formação em *design* gráfico, a jovem canadiana especializou-se em *UX Design* [*n.r.* - *User Experience Design*] de *software* empresarial, onde desenha e ajuda a melhorar a experiência de utilizadores de ferramentas de trabalho digitais, de companhias de todo o mundo. Trabalha remotamente há 8 anos, desde que começou como *freelancer*.

Sobre o futuro, Fanny diz que ainda é tudo muito recente. “Só passaram dois anos, mas sinto que quero ficar durante muito tempo. Tenho a minha casa, que tenho estado a renovar. Gostava de trabalhar com empresas e equipas portuguesas, saber um pouco mais sobre como trabalham.”

Quando passeia em Almada, ainda se sente “estranha”. Confessa que teria sido mais fácil ir para Lisboa, para um bairro onde toda a gente fala inglês. “Decidi colocar-me este desafio extra. Sinto que vivo num verdadeiro bairro português.”





## UM ESTÚDIO COM ALMA NA COSTA DA CAPARICA

TEXTO **Ana Paula Cruz** FOTOGRAFIA **Raquel França**

Chegou à Costa no início de 2024, com a certeza de que era tempo de apostar num projeto pessoal com significado. **MARTA GAUDÊNCIO**, designer de formação e alma inquieta, é uma das novas almadenses que está a deixar a sua marca no concelho, não só pela originalidade do projeto que criou – um ateliê de pintura de cerâmica –, mas pela forma como o fez.

“Sou *designer* de formação e apaixonada por cores desde que me lembro”, partilha. Apesar disso, o seu percurso passou por áreas como a hotelaria, medicina dentária e moda. Foi em Londres que a ideia do estúdio começou a ganhar forma, há quase 15 anos. “Depois de ser mãe, percebi que a oportunidade de avançar tinha chegado.”

A energia única da Costa da Caparica foi o que a atraiu. “É um lugar onde as pessoas vêm para abrandar, relaxar e inspirar-se. É esse o ambiente que procuro para o meu espaço: um lugar divertido, mas tranquilo, com personalidade e alma, onde se possa juntar criatividade e bem-estar. Senti que havia espaço para algo fora do tradicional, que fizesse a

diferença para os moradores e para quem nos visita.”

Mais do que empreender, Marta quer fazer parte da comunidade. “A Costa da Caparica tem um potencial tremendo, não só como ponto turístico, mas como uma comunidade viva, criativa e com uma identidade própria. Temos sentido um acolhimento muito positivo desde que abrimos, em dezembro do ano passado. Há curiosidade, entusiasmo, e cada vez mais pessoas a voltar.” O conceito é simples, mas poderoso: um estúdio aberto a todos, sem necessidade de experiência prévia, onde se pode pintar, experimentar e relaxar. “Já recebemos bebés de 3 meses e seniores de 95 anos.”

Entre a tranquilidade, a luz e o mar a cinco minutos de casa, Marta encontrou o cenário ideal para partilhar com os outros um espaço onde a vida se pinta de muitas cores. E deixa um conselho para outros empreendedores: “Tragam o vosso toque pessoal, arrisquem e sejam disruptivos. A Costa valoriza projetos diferentes.”

## UM TETO PARA A COMUNIDADE

TEXTO **Margarida Leal** FOTOGRAFIA **Florbela Salgueiro**



**MARIAM DAUDALI** criou o Tecto Studio num antigo armazém de 600 m<sup>2</sup>, na Romeira. Aqui funciona o seu ateliê de arquitetura, mas também um espaço de *cowork*, que pretende gerar comunidade.

Estudou no Colégio Campo de Flores, na Escola Secundária Emídio Navarro e depois na Faculdade de Arquitetura. A crise levou-a para Londres, onde trabalhou cinco anos num ateliê de gran-

des dimensões. Teve reuniões na Câmara de Sydney, de Paris, um pouco por todo o mundo. Até que o irmão, promotor imobiliário, a convenceu a voltar para Portugal.

“Por lá fiz maioritariamente museus, espaços públicos e centros comunitários, portanto, tinha muito esta ideia de que o edifício tem sempre de dar qualquer coisa à cidade.” Quando visitou pela primeira vez este armazém, “estava

tudo em ruínas, havia lixo até ao teto, mas apaixonei-me por estas estruturas de madeira, pela espacialidade, pelo potencial”.

Com o apoio da família, dos amigos e da rede de contactos, conseguiu recuperar este antigo lugar, que aparece em fotografias históricas de Almada. “Gosto muito de reabilitação e da construção de edifícios públicos, apesar de neste momento fazer sobretudo habitação.”

Está a projetar 10 moradias em Azeitão, 300 fogos em Santarém, casas particulares na Aroeira, Verdizela, Porto Brandão e no Porto.

O Tecto é o seu projeto de referência em Almada, que abriga também o trabalho de 20 pessoas, de diferentes áreas, que aqui trabalham em regime de cowork. Quase todos moram por perto, mas trazem a bagagem cultural de que Mariam tanto gostava em Londres. O Arselino vem de Cabo Verde e é arquiteto, a Selina vem de Itália e é ceramista, o Bruno é da Cova da Piedade e é fotógrafo, mas há mais gente neste espaço, como analistas de empresas internacionais, professores universitários, realizadores, e jovens de uma *startup* tecnológica.

“O bom disto é que continuo a ter espaço para os meus projetos”, sublinha Mariam, filha de um moçambicano que em 1978 veio para Portugal e abriu um estabelecimento comercial no Laranjeiro. Conta que ela e o irmão nasceram no Hospital Garcia de Orta e “crescemos e estudamos aqui. Criámos raízes.”

Mariam Daudali fala do seu projeto com orgulho. «Acredito que há coisas que devem fazer parte da prática, que é gerar comunidade, partilhar conhecimento com outros arquitetos, e outras disciplinas e profissionais. Este espaço permite que tudo isso aconteça».





NA TRAFARIA

# CASA DO CAIS: UM NOVO ESPAÇO DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA

Com o Tejo no horizonte, a Casa do Cais é o mais recente equipamento cultural do concelho. Um ponto de encontro para criação – do cinema à dança, da música ao teatro – aberto à comunidade.

TEXTOS **Sandra Gomes** FOTOGRAFIA **Luís Filipe Catarino, Raquel França, Óscar Fernández Orengo**

RAQUEL FRANÇA



Há um novo espaço cultural na vila da Trafaria: a Casa do Cais. Ponto de encontro para criadores, nesta “casa” vão ser desenvolvidos projetos culturais “que promovam o intercâmbio de experiências entre os residentes e o diálogo entre as comunidades locais, nacionais e internacionais”, explica Rui Xavier, um dos responsáveis pela Cardume Insólito – Associação Cultural e Social (nas áreas de Cinema, Multimédia, Teatro, Artes Visuais, Música e Fotografia) que, ao longo dos próximos cinco anos, vai ser responsável pela gestão e dinamização cultural deste equipamento.

### UMA CASA À BEIRA TEJO

O nome – Casa do Cais – faz jus ao local onde se encontra, junto ao cais de embarque da Trafaria, refletindo também a filosofia do espaço: “ser um sítio de chegada e partida dos vários projetos, de ligação com esta comunidade e com outros espaços que existem no concelho como a Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea (Almada) e a Casa Amarela (Centro Cultural Juvenil de Santo Amaro, no Laranjeiro)”, esclarece Rui Xavier.

Ao todo, são sete os residentes deste equipamento municipal reabilitado com o apoio financeiro do Programa Operacional Regional de Lisboa: duas produtoras de cinema, um coreógrafo, uma editora, uma associação cultural ligada às artes cénicas e dois projetos pedagógicos alicerçados na música e na fusão do cinema com as artes visuais, som e práticas colaborativas.

Além do trabalho criativo desenvolvido pelas estruturas residentes, as diferentes áreas criativas representadas na Casa do Cais têm como objetivo contribuir para uma programação regular e diversificada, a divulgar em breve, com oficinas, exposições, sessões de cinema, conversas, espetáculos e cursos de formação.

### ESPAÇO ABERTO À COMUNIDADE

Outra das possibilidades é o “acesso da comunidade, em primeira mão, a alguns dos projetos”, adianta Rui Xavier. É

o caso da Estado Zero, uma das estruturas residentes, para quem a proximidade com a comunidade é importante para “desenvolver e partilhar os processos de trabalho, através de apresentações informais de ensaios abertos, propiciando assim uma troca de ideias e um diálogo entre artistas e a comunidade”. Também João Salaviza e Renée Nader Messoria consideram que “a Casa do Cais abre a possibilidade de descentralizar os centros de produção e criação artística.”

Na Casa do Cais existem ainda alguns espaços disponíveis para serem utilizados, de forma temporária, por outros criadores ou entidades que, em conjunto com a Cardume Insólito, queiram desenvolver projetos culturais na Trafaria.

### Casa do Cais

Praceta Porto de Lisboa – Trafaria

Tel.: 914 721 134

E-mail: [associacaocardumetrafaria@gmail.com](mailto:associacaocardumetrafaria@gmail.com)

LUÍS FILIPE CATARINO



# Sete residências criativas

## KARÖ FILMES

Produtora de cinema independente fundada em 2014 por João Salaviza e Renê Nader Messora, dedica-se ao cinema de autor com uma abordagem sensível e universal. A Karô Filmes nasce da necessidade de trabalhar com modelos de produção que se definam pela especificidade de cada filme, na sua relação com o mundo. Marcando presença nos principais festivais de cinema, a Karô Filmes tem sido distinguida por dezenas de prêmios internacionais.

ÓSCAR FERNÁNDEZ ORENGO



LUÍS FILIPE CATARINO

## CONTINUE WALKING

Produtora de cinema independente, fundada por João Nunes em 2013, dedicada à produção de cinema - documentário e ficção. Alguns dos filmes produzidos foram apresentados nos principais festivais internacionais de cinema. Atualmente, a Continue Walking está a produzir um documentário sobre o 25 de Abril, "A palavra contra o silêncio", uma co-autoria de Cláudia Lobo com o Rui Xavier, e a finalizar a montagem de "O Jacaré", uma longa-metragem de Basil da Cunha, que inclui algumas cenas filmadas na Costa da Caparica, com estreia prevista ainda para este ano. "Cinema pela cidade invisível" é outro dos projetos em parceria com o realizador Basil da Cunha, que tem como objetivo levar o cinema aos bairros, através de projecções de rua, envolvendo essas comunidades num projeto criativo mais abrangente.

## ATELIER REAL

Fundado há 35 anos por João Fiadeiro - um dos coreógrafos precursores da Nova Dança Portuguesa -, o Atelier Real é um espaço dedicado à pesquisa e prática da composição em tempo real, focado na experimentação e no cruzamento de diferentes disciplinas artísticas.

Após a passagem por vários espaços, João Fiadeiro pretende transformar esta residência na Casa do Cais "numa plataforma de relação, que une todas as minhas atividades, quer enquanto artista, formador, investigador, curador", mas também para estabelecer parcerias e ter uma maior proximidade com as pessoas. Ainda este ano espera lançar um documentário, em coautoria com Aline Belfort, sobre os primeiros 15 anos do Atelier Real, editado em parceria com João Nunes, da Continue Walking.

RAQUEL FRANÇA



## REPORTAGEM

### COMPRIMIDO

Entre o trabalho desenvolvido pela produtora Comprimido destaca-se o projeto “Bicho de 7 Cabeças” fundado, em 2016, com o objetivo de promover o desenvolvimento infantil através da música, da narrativa e da interação artística. A equipa liderada por João Pico é composta por músicos, educadores e artistas com ampla experiência em pedagogia musical e produção cultural.

O “Bicho de 7 Cabeças” pretende criar experiências musicais significativas para crianças em idade pré-escolar e do 1.º ciclo, promovendo a criatividade, a linguagem e a motricidade através de conteúdos originais – concertos interativos, oficinas de expressão musical, materiais didáticos e conteúdos digitais educativos.



LUÍS FILIPE CATARINO

### CLEAN FEED RECORDS

Editora portuguesa de jazz e música improvisada, reconhecida internacionalmente pela aposta em sonoridades experimentais e na divulgação de músicos contemporâneos. Lançada em 2001 por Pedro Costa, tem como principais objetivos a edição fonográfica e organização de concertos e festivais, como o festival “Causa Efeito”, na Universidade Nova de Lisboa, que apresenta música nas franjas do jazz.



LUÍS FILIPE CATARINO

### ZUUM – LABORATÓRIOS CRIATIVOS

Mário Melo Costa, realizador e artista visual; Rita Melo, *designer* e empreendedora social, e Violeta Mandillo, gestora cultural e financeira, são os responsáveis pelo Zuum – Laboratórios Criativos. Trata-se de um espaço dedicado à experimentação e aprendizagem, onde a imagem se manifesta de forma

livre e multidisciplinar, através de laboratórios criativos dirigidos a crianças, jovens e público em geral. O projeto pretende explorar a fusão do cinema com as artes visuais, som e práticas colaborativas, com foco no desenvolvimento da criatividade, do pensamento crítico e da cidadania ativa.



### ESTADO ZERO

Associação cultural sem fins lucrativos, constituída em 2016 por Carla Bolito, Marcello Urgeghe e Tiago Mateus, dedica-se à criação e produção de artes performativas, explorando novas linguagens cénicas e abordagens dramáticas inovadoras.

A Estado Zero procura promover e apoiar a criação artística dos seus associados. Tem desenvolvido atividades nas artes performativas, nomeadamente na criação de espetáculos de teatro. Neste momento, encontra-se em preparação o espetáculo “Fantasia sem Abrigo”, com texto e encenação de Tiago Mateus, colaboração musical de Marcos Magalhães e estreia prevista para janeiro de 2026.

LUÍS FILIPE CATARINO





ANABELALUÍS

# A beleza escondida dos nossos edifícios

TEXTO **Paulo Tavares** FOTOGRAFIA **Anabela Luís, Carlos Valadas, Florbela Salgueiro, Luís Filipe Catarino, Raquel França e Victor Mendes**

---

**SÃO O MAIS INICIAL DOS FIOS** que compõem a malha urbana, e são quase sempre aquele que menos nos prende a atenção. Os edifícios guardam famílias, serviços, comércio, cultura, educação, saúde, desporto e tudo mais. Tanta vida ali alojada, feita de muitas histórias individuais e, por vezes, também testemunho e marca da nossa História coletiva.

Altos ou baixos, modernos ou antigos, gastos ou renovados, bonitos ou feios, consensuais ou polémicos, os edifícios dão corpo às ruas e à cidade. Quase todos escondem a arte de arquitetos e a responsabilidade estrutural de engenheiros, assinaturas perdidas num qualquer arquivo municipal, ou gravadas numa placa deixada ao esquecimento. Nas suas linhas, curvas, retas, simples ou rebuscadas, e nos padrões, cores e materiais que os revestem, revelam épocas, modas e tendências.

Por vezes, basta olhar para cima e reparar em formas que só existem naquele instante em que a luz e a sombra se juntam em desenhos. Foi essa a missão dos nossos repórteres fotográficos. Sair à rua em busca desse momento decisivo, que revela um belo que, afinal, sempre ali esteve. Nas próximas páginas, deixamos-lhe retratos e um certo olhar sobre a arquitetura de Almada. Surpreenda-se.





FLORBELA SALGUEIRO



RAQUEL FRANÇA



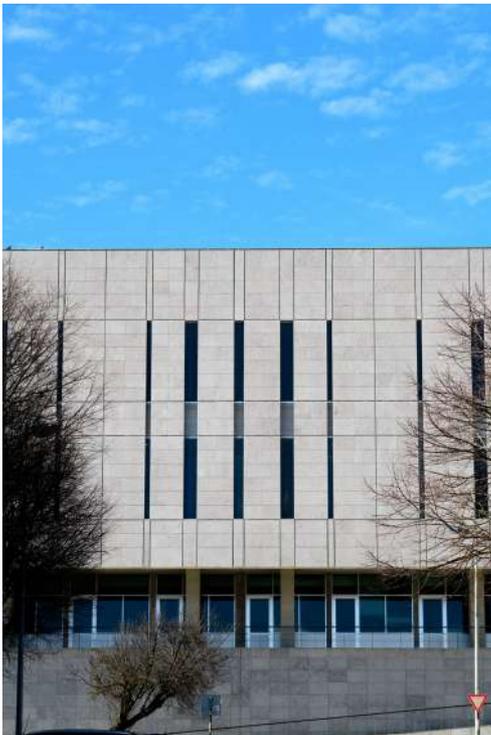


PORTFÓLIO

LUÍS FILIPE CATARINO



VICTOR MENDES



ANABELA LUÍS



CARLOS VALADAS

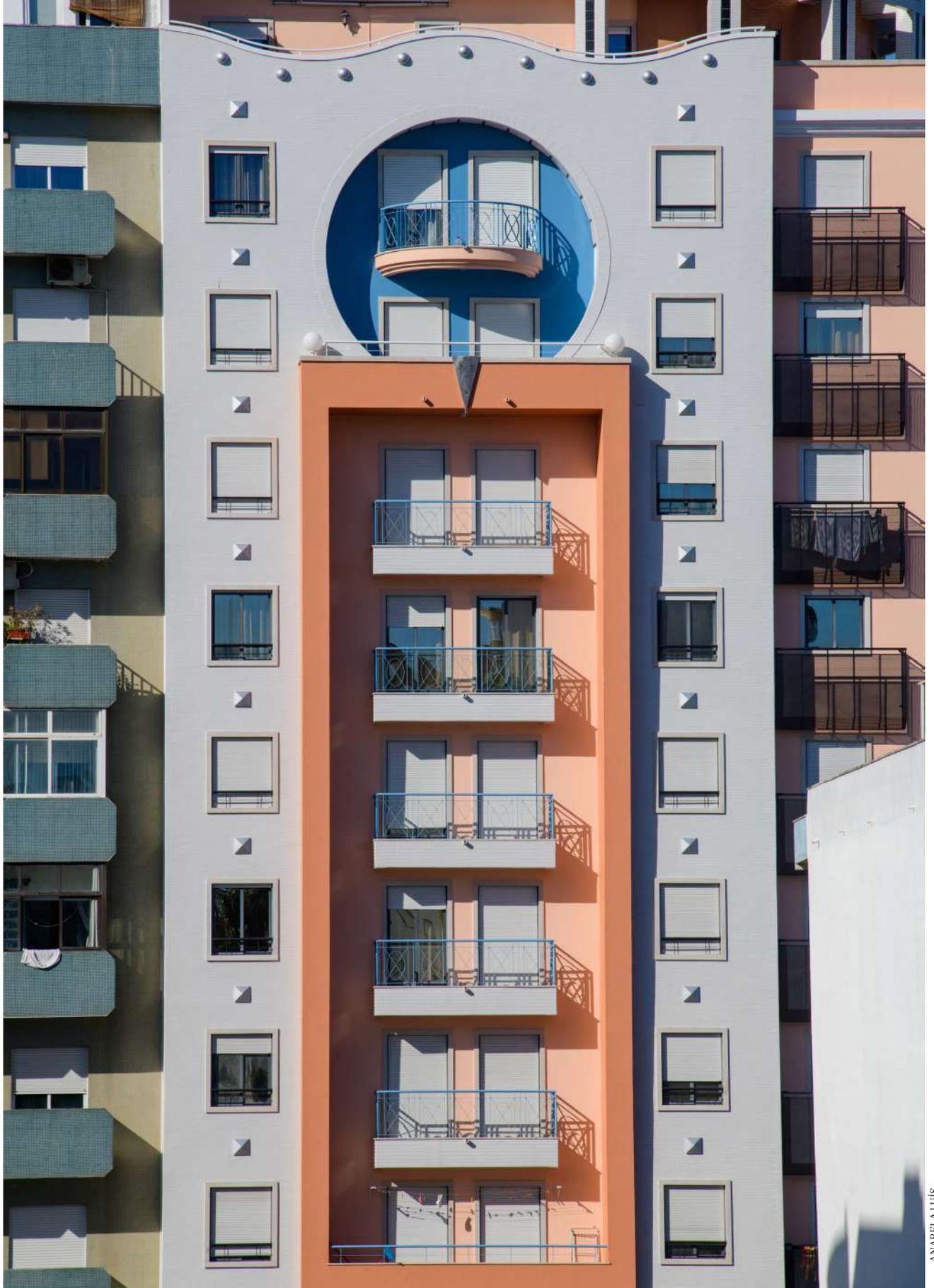
PORTFÓLIO

LUÍS FILIPE CATARINO



RAQUEL FRANÇA





**MIGUEL SZYMANSKI**

# “TEMOS UMA QUALIDADE DE VIDAMUITO MELHOR AQUI DO QUE EM LISBOA”

TEXTO **Paulo Tavares**  
FOTOGRAFIA **Luís Filipe Catarino**

---

O dia e a conversa começaram com uma caminhada de um quilómetro e pouco entre a casa de Miguel Szymanski, em São João de Caparica e a praia. Havíamos de pagar mais adiante o otimismo com que olhámos para um céu muito indeciso entre o sol e a chuva. Miguel faz este caminho quase todos os dias. A proximidade do mar marcou-lhe a infância em Faro, junto à Ria Formosa, e é uma das razões para, ao fim de mais de 50 anos de uma vida entre Portugal e a Alemanha, ter desaguado aqui, em São João de Caparica.



Jornalista, cronista e escritor bilingue, filho de pai alemão e mãe portuguesa, Miguel Szymanski seguiu com a família para a Alemanha em 1976, com dez anos. Regressou a Portugal no final da década de 1980, para construir uma carreira na imprensa, em Lisboa. Voltou para a Alemanha durante os tempos da Troika, e está por cá desde finais de 2015.

Chegámos à praia de São João com os primeiros pingos de chuva. Um bar de praia como aquele onde parámos a olhar o mar - no caso, o Clássico Beach Bar by Olivier - é o cenário onde, no "Regresso do Oligarca", Marcelo Silva, o jornalista que atravessa três dos seus livros, conhece Maxim, um nómada digital parte da comunidade russa que escolheu a Costa para escapar à guerra.

Ao longo da manhã, havemos de visitar outros locais dos romances de Miguel Szymanski, que fala de uma escolha natural de cenários. "Escrevi muitas crónicas, para jornais portugueses e alemães, que se passavam aqui na zona. O manancial é tão rico e há tantas coisas tão interessantes, que resolvi escolher isto para cenário da minha ficção. É aqui que me sinto em

casa, são paisagens que são familiares e entraram muito naturalmente nos meus dois últimos romances - 'A Viagem do Oligarca' e, antes disso, 'O Grande Pagode'."

Descemos da ficção à realidade com uma brutal chuvada. Mal abrigados pelos toldos de um dos estacionamentos da praia de São João, Miguel explica como ele e a família foram ali parar, àquela casa. A história começa no final de 2015, com a tentativa de regresso a um bairro onde foram felizes, em Lisboa. "A minha mulher nasceu em Lisboa, mas cresceu aqui desde bebé, a mãe vive aqui há mais de 60 anos. Nós voltámos da Alemanha e quisemos ir para a zona onde tínhamos tido a última casa arrendada em Lisboa, na Av. Conde Valbom. Passámos meses à procura de uma casa no Bairro

**“É aqui que me sinto em casa, são paisagens que são familiares e entraram muito naturalmente nos meus dois últimos romances”**



Azul, ali naquelas avenidas onde tínhamos morado, e a nossa base era um apartamento que a minha sogra nos emprestou aqui”.

Esses meses, passados deste lado do rio, mudaram-lhes os planos. “Passado mês, mês e meio de procura, comecei a aperceber-me de que temos uma qualidade de vida muito melhor aqui do que em Lisboa. Somos *freelancers*, não estamos sujeitos aos engarrafamentos, e mudámos completamente, porque começámos a procurar casa aqui e encontrámos. Felizmente, numa altura em que as pessoas ainda podiam comprar casa sem o esforço que têm de fazer hoje em dia”.

No regresso da praia, passámos pelas Torres de São João e mergulhámos de novo num dos quadros de ficção. Aquela torre é o sítio onde Marcelo Silva vive desde o segundo livro da trilogia, “O Grande Pagode”, e foi ali que começou a trama chinesa, quando um tapete com uma cabeça de dragão, atirado varanda fora por uma secretária de Estado embriagada e irada pela venda da EDP aos chineses, foi parar a uma das janelas da casa de Marcelo.

Deixámos a torre para trás e ainda acompanhados por algumas pingas de chuva caminhámos de volta ao bairro. Miguel Szymanski confessa que, desde que ali chegou, começou a “fazer uma vida muito diferente da vida urbana e citadina que fazia”. O mar ali tão perto e um ar bom de respirar conquistaram-no. A ele e à família. “Primeiro, a proximidade do mar. Nasci no Algarve, sempre vivi perto da água e a distância do mar faz-me imensa impressão. Depois de mais uma temporada na Alemanha, quando voltei não queria deixar de estar tão perto do mar quanto possível. A qualidade do ar também faz diferença. Vou frequentemente a Lisboa, e a poluição faz-me imensa impressão, andar nas ruas entre os carros...”

Miguel e a família vivem hoje numa zona que pouco

ou nada tem a ver com a memória dos anos 1980 e 1990. “Lembro-me da primeira vez que vim à Costa da Caparica, achei isto uma fealdade inexecedível. Isso mudou totalmente e tem um charme... essa ideia de estarmos na margem sul está a diluir-se completamente. Tentem explicar a um qualquer não português que aqui venha, que Almada não é uma parte integrante de uma zona que também engloba Lisboa, e que é indiferente se vives de um lado ou outro do rio. Eles não percebem. Apanhas o barco e em 10 minutos estás no centro de Lisboa ou em Almada velha, qual é que é a diferença?!?”

A mudança, conta Miguel Szymanski, tem sido profunda e, lentamente, tem diluído “os preconceitos que havia, que eu sei que existiam” em relação à margem sul. O jornalista e escritor não tem dúvidas de que, neste processo, será Lisboa que vai ficar a perder. “O que se

**“Fomos muito bem recebidos e encontrámos aqui uma comunidade muito coesa, de entreajuda, onde se cultiva muito o individualismo e a esfera privada de cada um”**

torna intransitável e desagradável é ir a um restaurante e sentir-me como um turista no meu próprio país. Por muito que ache positivo o cosmopolitismo, a abertura de mentes e a diversidade, perder valores nossos, e que aqui encontro em qualquer esquina, a conversa, os vizinhos... perder isso é gravíssimo. Tenho imensos amigos que viviam em Lisboa e que saíram porque aquilo já não era um sítio frequentável.”

Fomos caminhando de volta à casa e ao sítio onde assegura ter encontrado “vida de bairro”, onde todos se conhecem. “Talvez jogue a nosso favor o facto da minha mulher ter aqui muitos amigos da infância e da adolescência. Fomos muito bem recebidos e encontrámos aqui uma comunidade muito coesa, de entreajuda, e com uma característica muito simpática desta zona de São João e Santo António, onde se cultiva muito o individualismo e a esfera privada de cada um.”

Já de novo à sua porta, com o ruído de obras de remodelação numa vivenda ali mesmo em frente, Miguel Szymanski fala das mudanças num bairro de pequenas casas e vivendas, com ruas onde têm



nascido novos negócios. “Há cada vez mais novos restaurantes e cafés, também *hostels* aqui à volta e alojamentos locais. Não de forma tão massificada que estejam a descaracterizar a zona, não há esse risco por enquanto. Há uma convivência muito saudável entre os mais diversos estratos sócio-económicos, mesmo aqui à volta de nossa casa, como sempre houve em alguns bairros tradicionais de Lisboa, da Lapa a Alfama. Espero que isso seja preservado. Há uma série de fatores de risco, que todos conhecemos, como por exemplo fazer-se um túnel que ligue a Trafaria a Algés. Trará benefícios, seguramente, mas mudará claramente o estilo de vida que as pessoas aqui têm, não sei se para melhor ou para pior”.

Na Trafaria, onde nasceu a inspiração para algumas personagens do último livro - pescadores e mariscadores -, falámos sobre as “muitas reportagens” que fez naquela zona, sobretudo um documentário sobre a apanha da amêijoia. Miguel Szymanski fala da vida dura de quem sai dali, manhã bem cedo, para passar horas dentro de água, no Mar da Palha, num trabalho duro, de subsistência e à margem da lei. Era inevitável conversarmos sobre o estado do jornalismo, num mundo que atravessa tempos de enorme incerteza e instabilidade. Está demasiado frágil, a imprensa? Miguel responde que, “infelizmente, tenho de dizer que sim. Mas, por outro lado, nunca foi uma construção muito robusta, para assegurar a transmissão de histórias”. O jornalista e escritor concorda que, “mais do que nunca”, era necessária uma imprensa forte, lamentando o domínio das redes sociais. “Toda a informação circula maioritariamente em redes sociais pela mão de pessoas que nunca olharam para as regras básicas do jornalismo, da ética jornalística, de ouvir o outro lado, por exemplo”.

Será razão para partilhar com a sua personagem, o jornalista Marcelo Silva, uma visão amargurada do mundo e uma desilusão em relação ao jornalismo? Miguel garante que não e que “seria uma pessoa infeliz se o fizesse. A personagem... muitas vezes a tendência é fazer uma leitura rápida, achando que ‘ah, ele é jornalista, a personagem também, portanto, é ele’. É totalmente errado. No fundo sou um otimista e aquela amargura é dele, da personagem. Não partilho seguramente dessa amargura, porque tenho esperança, tenho duas filhas e se não tivesse esperança, também não escrevia livros”.

Ainda passeávamos pelas ruelas da Trafaria quando o sino começou a anunciar o meio-dia. Talvez fosse da hora e da fome, ou da passagem pela porta fechada da



Taberna Manuel da Gorda, o certo é que a conversa foi parar à comida e a uma irritação que Miguel leva muito a sério. Não pode ouvir ou ler quem diga mal da gastronomia portuguesa. “Lembro-me de ver uma primeira página de um dos principais jornais alemães, que dizia qualquer coisa como ‘apesar da única coisa que se come em Portugal ser sardinha e bacalhau...’ Fiquei tão irritado que escrevi uma crónica sobre o assunto, acho que para o DN. Filhos da mãe! É a pior cozinha da Europa e vêm com ‘em Portugal só se come sardinha e bacalhau’?! Se há coisa que mexe muito comigo é a gastronomia. Insultá-la é terrível, poder promovê-la é, de facto, um privilégio”.

Antes de subirmos ao Cristo Rei, para visitar mais um dos cenários dos seus livros - é aí que Clara, professora numa escola de Almada, tem uma pequena horta -, ainda nos demorámos na Trafaria e na conversa sobre comida. Miguel Szymanski conta que é sempre ele que cozinha em casa e que diz sempre às filhas: “atenção que isto que têm à frente, nem um bilionário alemão consegue comer!” É outra das razões da opção por São João de Caparica, a qualidade do peixe. “Esse é um dos privilégios, e é absolutamente importante estar perto da fonte dessa extraordinária riqueza, que é poder comprar carapau negrão a dois euros o quilo, que é um peixe fabuloso, comprado junto ao mar”.

P A D A R I A

TEMPO



TEMPO PADARIA

# PÃO DE VERDADE NO CORACÃO DA CIDADE

Num recanto discreto, mas central, de Almada, na Rua Padre Francisco do Recreio, há uma padaria com o nome Tempo, onde o pão é feito com vagar.

TEXTO **Ana Paula Cruz** FOTOGRAFIA **Anabela Luís**

O cheiro do pão acabado de cozer e do forno a lenha voltou ao prédio onde “no início dos anos 50, funcionava uma fábrica de pão, que chegou a empregar cerca de 60 pessoas, muitas das quais viviam no próprio edifício”, conta Miguel Costa, que descobriu o local quase por acaso. “A minha avó morava aqui perto e eu cresci em Almada, mas nunca tinha reparado nesta antiga padaria”, confessa o arquiteto de formação que, após alguns anos de experiências internacionais, voltou a Portugal e dedicou-se à panificação. Primeiro com um espaço na Romeira, e agora reerguendo parte desta antiga memória da cidade.

Os antigos fornos a lenha são o centro da padaria e é através de métodos ancestrais de panificação que Miguel Costa procura trazer a Almada a qualidade e o sabor genuíno do pão. O nome “Tempo” traduz a filosofia do espaço: um tempo respeitado na levedação da massa e nos laços que se criam à volta do pão.

## “Farinha, água, sal e tempo”

Para Miguel, a produção do pão é quase uma devoção, onde tudo começa e termina na matéria-prima. “Farinha, água, sal e tempo” é o segredo do pão de massa-mãe que a padaria oferece aos seus clientes, um pão saudável, nutritivo e com qualidades

probióticas que fazem toda a diferença na alimentação diária. Aliás, Miguel revela que aos 30 anos, quando aprofundou a arte da panificação, descobriu que nunca tinha comido pão de verdade. “Descobri que o que eu comia até então não era pão”, conta com um sorriso.

Hoje, a padaria aposta em receitas que combinam o tradicional alentejano com toques modernos, como o pão de centeio, as broas e o Barlavento (uma mistura de malte tostado com farinha alentejana, inspirada pelos sabores do sul). Além disso, o famoso Jackson Five, uma combinação de cinco tipos de farinha, é um dos favoritos dos clientes. A qualidade das farinhas nacionais e autóctones, e o forno a lenha preservado com tanto carinho, são fundamentais para o sabor único e inconfundível de cada pão. “Tens de ir bem longe para encontrares um pão cozido a lenha com estas condições.”

A aceitação da comunidade tem sido positiva, com a padaria a crescer também devagar, sobretudo através do passa-palavra, mas com uma forte fidelização de clientes que a fazem ser cada vez mais procurada. Miguel e a sua equipa fazem diariamente 100kg de pão, mas a visão não é apenas comercial. “A padaria é também um espaço de comunidade”, explica, dando como exemplo a recente mostra da artista Rosarlette

Meirelles, que transformou a frente do estabelecimento numa galeria de arte local, ou os *workshops* de panificação tradicional, que desenvolve no último domingo de cada mês. Miguel, que também tem uma forte ligação à cidade, procura devolver a Almada o que esta lhe deu ao longo da sua vida. “Almada tem uma alma artística e vibrante, e a nossa missão é fazer parte dessa transformação”, afirma.

Embora o foco esteja no pão, ao fim de semana o menu é mais variado, com *babkas*, *cinnamon rolls* e outras guloseimas artesanais, sempre preparadas com o mesmo cuidado e dedicação. Nas épocas festivas o pão e os doces surgem acompanhados de especialidades tradicionais. Na Páscoa, por exemplo, serviram-se bôlas e os tradicionais folares cozidos no forno a lenha.

Se ainda não conhece, passe por lá. A Tempo é um refúgio para quem procura qualidade, tradição e o sabor genuíno do pão.

### Tempo Padaria

Rua Padre Francisco do Recreio 18 A, Almada  
Horário: 3.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup> f. das 10h às 13h e das 16h às 19h;  
sábados, das 10h às 13h.  
@tempo.padaria

“Almada tem uma alma artística e vibrante, e a nossa missão é fazer parte dessa transformação”



# “SÃO HERÓIS ANÓNIMOS, QUE CONTINUAM A IR PARA O MAR”

LUÍS FILIPE CATARINO



Bruno Fonseca é um contador de histórias visuais, que vive e trabalha entre Luanda e Santo António da Caparica. A sua mais recente exposição, “Sem o medo, o mar era apenas água salgada”, brilhou no prestigiado Head On Photo Festival, em Sydney, na Austrália. A exposição mergulha na história dos surfistas pioneiros da Costa da Caparica, figuras que ajudaram a moldar a identidade cultural e económica da região, mas que permanecem desconhecidas para muitos.

TEXTO **Sandra Costa** FOTÓGRAFO **Luis Filipe Catarino**

---

**Revista Almada (RA) - Porquê este título? Tem uma ligação profunda ao mar?**

**Bruno Fonseca (BF)** - Nenhuma, mas é super simples. Vi esse título várias vezes pichado ao longo do paredão da Costa. A frase aparece 4 ou 5 vezes, no chão e nos contentores. Mal vi essa frase, acho que despertou em mim a tal sensação de... ‘isto é o mar’. Isto para mim é poesia, é sereno q.b., o mar traz-me essa tranquilidade, portanto, assentou que nem uma luva. Acho que ainda só tinha fotografado dois surfistas quando decidi que o título ia ser este. “Ah, é uma apropriação?” Não sei, isso está público. É que eu não consigo saber quem é que escreveu, quem é que pichou. Fiz várias pesquisas no Google, a ver se era uma frase de algum autor português. Não consegui chegar a nenhuma informação. [n.r. - *Dois dias depois desta entrevista, o autor da frase “Sem o medo, o mar era só água salgada” contactou-o para reivindicar a autoria. Trata-se de Gonçalo Santana Ferreira e a frase faz parte de uma obra do escritor e artista plástico e, também, de arte pública instalada na Figueira da Foz e que se espalhou por vários locais do país, incluindo a Costa Vicentina e as praias da Margem Sul.*]

**RA - Como é que foi o processo criativo? Nasceu assim, de forma espontânea?**

**BF** - Sim, espontâneo. Tinha de ser alguma coisa relacionada com o mar, estava cismado a isso. Depois, gosto de trabalhar os temas de memória, posso utilizar o preto e branco, porque tem tudo a ver com a memória. Depois vieram à memória também algumas coisas da juventude, porque eu com 15 anos saí da terrinha, Sever do Vouga, para vir estudar para Lisboa. Aos fins de semana, durante todo o ano letivo, vinha passar os fins de semana aqui a Santo António de Caparica. Da janela do meu quarto via-se a mata e o mar. Vinha para aqui,

para estas praias. Não fazia surf, é verdade, mas passava aqui horas e horas a deslumbrar-me. Acho que isso fez algum sentido, se ia tratar um bocado de um tema de memória, também ia buscar as minhas memórias. Não tenho dúvidas nenhuma de que vi alguns dos retratados a surfar na altura. Estamos a falar de 1986, 1987...

**RA - É um pouco um processo nostálgico e também um processo terapêutico, não é?**

**BF** - Sim, recorrendo à minha própria memória. Mas, quando comecei a pesquisar e a desenrolar o novo, cheguei à conclusão de que isto deveria ser mais sobre os homens, do que sobre a minha memória. Fazia-me confusão que pessoas que foram tão importantes nisto não tivessem qualquer reconhecimento. São heróis anónimos, que continuam a ir para o mar. 95% dos que fotografei vão ao mar assiduamente. Eles passam por aqui com a prancha e não serem reconhecidos, meteume um bocado de espécie. Portanto, este trabalho serve para que eles tenham o reconhecimento merecido. E para passar essa mensagem para as crianças, para outras gerações. Os trabalhos de memória servem bastante para nós, no presente, refletirmos o passado, mas deixarmos memória futura.

**RA - E, de alguma forma, assegurar que eles contribuíram também para a história cultural e desportiva...**

**BF** - E para o desenvolvimento socioeconómico. Não sou de análise nem de estatística, mas quantos *hostels* dedicados ao surf é que existem na Costa da Caparica? Quantas reservas são de surfistas? Quantos alojamentos locais? Ou estes bares dedicados à cultura do surf. A Costa só teve a ganhar, só se desenvolveu...



**RA - Quando abordou os surfistas, qual foi a reação?**

**BF** - Custou a entrar, mas entendo. Cai aqui que nem um paraquedista. Não sou de cá, apesar da minha relação com a Costa já ser muito antiga e, desde 2009, constante - é um dos meus pisos e abrigos em Portugal. É difícil uma pessoa chegar de fora, começar a fazer perguntas, começar a dizer que quer fazer um trabalho. Mas o primeiro surfista, o João Boavida, foi parte super importante no processo. Foi ele que deu os primeiros contactos e depois uns lembram-se de uns, outros vão-se lembrando de outros. Quando comecei a ver que para o projeto de curso os de 1970 não chegavam, porque ia ser muito pouco material, decidi avançar também para a década de 1980.

**RA - Chegou a mostrar-lhes alguns registos?**

**BF** - Sim. Eles tiveram um encontro dos pioneiros da década de 1970 e fiz questão de aparecer e entregar uma lembrança àqueles que já tinham sido fotografados, uma fotografia 20x20.

**RA - Qual foi a reação?**

**BF** - Quando vêem a fotografia gostam, não estavam à espera daquele resultado. O preto e branco fica real-

mente mais bonito e se for feito em película vai buscar coisas que o digital não vai buscar. O pessoal não está habituado a ver o resultado final desta forma. Ficaram admirados e contentes. Depois, com a seleção para o Festival da Austrália, notei que todos eles ficaram tão ou mais satisfeitos do que eu e isso foi gratificante.

**RA - Qual foi a importância de veres o teu projeto exposto na Austrália, num dos maiores eventos de fotografia?**

**BF** - Foi bastante importante. Pode ser que seja um momento de viragem para a minha carreira. A vida de um fotógrafo freelancer é bastante precária. Ou temos de ir a todas, ou temos muito bons contactos e vamos a poucas e boas, mas não é fácil. Em Portugal é muito raro ter um trabalho pago, porque não tenho cá estado nos últimos anos, não tenho semeado para poder colher. Em Luanda é muito mais fácil o telefone tocar para ir fazer um trabalho. Queria inverter essa situação, mas pode ser que isto seja o ponto de viragem e que eu comece a trabalhar mais este tipo de trabalhos.



# VENHAM MAIS CINCO



## [O OLHAR ESTRANGEIRO SOBRE A REVOLUÇÃO PORTUGUESA] 1974-1975

**FOTOGRAFIAS DE** ALAIN KELLER, ALAIN MINGAM, ALÉCIO DE ANDRADE, AUGUSTA CONCHIGLIA, BENOÎT GYSEMBERGH, DOMINIQUE ISSERMANN, FAUSTO GIACONE, FRANÇOIS HERS, GÉRARD DUFRESNE, GILBERT UZAN, GIORGIO PIREDDA, GUY LE QUERREC, HENRI BUREAU, HERVÉ GLOAGUËN, JACQUES HAILLOT, JEAN GAUMY, JEAN-CLAUDE FRANCOLON, JEAN-PAUL MIROGLIO, JEAN-PAUL PAIREAULT, JOSÉ SANCHEZ-MARTINEZ, MICHEL GINIËS, MICHEL PUECH, PAOLA AGOSTI, PERRY KRETZ, ROB MIEREMET, SEBASTIÃO SALGADO, SERGE JULY, SYLVAIN JULIENNE, ULIANO LUCAS, VOJTA DUKÁT  
CURADORIA SÉRGIO TRÉFAUT

**24 MAIO – 24 AGOSTO 2025**

**PARQUE EMPRESARIAL DA MUTELA ANTIGA LISNAVE AV ALIANÇA POVO MFA – ALMADA**

PRODUÇÃO



PARCEIROS INSTITUCIONAIS



50  
X2

ALMADA

Arco  
Ribeirinho  
Sul



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GUBENKIAN



PARCEIROS MEDIA

